



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JULIANA RIBEIRO CABRAL

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-677

Entrevistada: Juliana Ribeiro Cabral

Nascimento: 03/10/1981

Local da entrevista: Museu do Futebol, Estádio do Pacaembú – São Paulo

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 2/04/2016

Transcrição: Laura Giovana dos Santos Andrade

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Laura Giovana dos Santos Andrade e Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 27 minutos e 54 segundos

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Mulheres e Futebol* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Incentivo da família; Primeiro clube; Primeiras competições; Seleção brasileira; Experiência com outras jogadoras; Participação nos Jogos Olímpicos; Aposentadoria; Relação com o futebol hoje; Panorama do futebol nacional; Desafio para a modalidade.

São Paulo, 2 de abril de 2016. Entrevista com Juliana Ribeiro Cabral a cargo da pesquisadora Silvana Vilodre Goellner para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.G. – Juliana, inicialmente eu gostaria de te agradecer pela entrevista. Queria que tu falasses um pouco sobre a tua iniciação no futebol, ou seja, como tu começaste a participar do futebol.

J.C. – Eu tenho um irmão que é dois anos mais velho do que eu, então, foi através dele no quintal de casa, na rua e na escola. A gente sempre brincava junto e para tudo ele me chamava para brincar, a minha base foi com ele. Eu lembro de brincar muito com ele com bolinha de tênis, com bolinha de meia que hoje em dia nem se brinca mais, bola normal... E a gente ia para o quintal e fazia muitos fundamentos. Uma hora eu era goleira, outra hora ele era atacante e a gente brincava de domínio, de chute, de drible e depois colocava tudo em prática na escola ou na rua porque os meninos chamavam a gente e a gente jogava muito gol caixote....

S.G. – Que idade tu tinhas nesta época?

J.C. – Acho que desde que eu comecei a me entender por gente e a andar! Porque o meu pai trabalhava no Hospital Iguatemi e ele tinha um futebol de sexta-feira e eu sempre ia com meu pai e com o meu irmão. Lembro que naquela época eu ainda era picurrucha e eles tiveram que inventar um futebol de mulheres porque eu queria jogar entre os homens. Então eles inventaram um futebol do Hospital Iguatemi para mulheres e uma sexta-feira a gente jogou e enfim... Eu costumo falar que num mundo tão machista, na minha infância eu tive meu pai e meu irmão que me ajudaram e me incentivaram a jogar futebol. O meu início de prática foi esse. Meu pai me incentivava, mas minha mãe era muito contra. E mãe é mãe! Ela começou a colocar várias questões, afazeres domésticos para que eu não pudesse jogar futebol. Um dia eu tinha que lavar a louça, outro dia eu tinha que lavar a louça, secar e guardar e o meu irmão era parceiro e a gente fazia tudo junto, até que um dia ela falou: “Olha, hoje você vai lavar a cozinha inteira!” E a gente tinha horário para descer para jogar, e meu irmão me ajudava, a gente descia jogava... Até que depois de tantas vezes fazer isso, ela falou: “Bom, ok, já entendi! Você quer jogar futebol, então, eu vou te

levar num teste.” E ela era contra durante o tempo que me levou para fazer meu primeiro teste e eu passei e ali eu em inseri no futebol.

S.G. - Em que equipe que você fez esse teste?

J.C. – Chamava Flash Book! Era uma equipe de modelos [risos]. A Milene¹ fazia a propaganda dessa equipe que já era uma parceria com o Corinthians² e com a Pro-Esporte³ ali na Liberdade⁴. Eu fiz o teste, passei e comecei a jogar nesse time. E minha mãe me acompanhou algumas vezes, depois me ensinou o trajeto e eu comecei a ir sozinha e comecei nesse time de modelos que depois virou a Pro-Esporte e a gente começou a disputar campeonatos de Federação e eu conheci o Saad⁵ porque a gente começou a jogar contra o Saad.

S.G. – E aí em seguida foi para o Saad?

J.C. – É, eu fui para o Saad acho que depois de uns dois, quatro anos. A minha mãe faleceu e surgiu a oportunidade de morar em Indaiatuba⁶. E meu pai conversou com o Romeu Castro, que foi meu pai praticamente na minha infância e eu fui morar em Indaiatuba com treze para catorze anos e passei toda essa fase dos treze até os dezessete vinculada um pouco ao Saad. Jogava em outros clubes, voltava para o Saad, mas a minha categoria de base profissional foi no Saad que era um time pioneiro da época.

S.G. – Quando foi tua primeira convocação para a Seleção?

J.C. – Bom, não sei precisar a data, nem mês... Eu tinha quinze anos...

S.G. – Você era muito jovem!

¹ Milene Domingues

² Sport Club Corinthians Paulista

³ Clube de Futebol

⁴ Bairro da cidade de São Paulo.

⁵ Saad Esporte Clube

⁶ Município no interior do estado de São Paulo

J.C. – Eu era muito jovem! Eu tinha quinze anos e a base da Seleção Brasileira praticamente era o Saad e os treinamentos da Seleção eram em Indaiatuba com o seu Zé Duarte⁷. Então a minha primeira convocação foi aos quinze anos para disputar alguns jogos amistosos contra a Escócia em Itu e em aqui em São Paulo na Fazendinha⁸ no campo do Corinthians.

S.G. – A Ivete Gallas⁹ estava no Saad neste período, não?

J.C. – A Ivete também já estava. A Ivete foi a mãe do futebol feminino... Foi a Ivete que levava a gente para a escola, enfim, sempre acompanhava essa parte. Então foi aos quinze anos. Naquela época eu jogava de meio de campo achando que ia me tornar meia e em um bate papo com seu Zé, seu Dudu¹⁰, que foi um grande pai também para as meninas e para o desenvolvimento do futebol feminino, falou: “Olha, se você jogar como zagueira eu tenho certeza que você será uma das melhores! Mas como meia você vai ter uma dificuldade grande!” Na minha época quando eu iniciei, a Formiga¹¹ era muito jovem, mas já era muito experiente, em 1996.... Tinham jogadoras de muita qualidade e eu acabei indo para a defesa e Graças a Deus deu tudo certo!

S.G. – A tua primeira participação em Jogos Olímpicos foi em 2000, em Sidney?

J.C. – Sim, foi em 2000. E depois 2004 em Atenas.

J.C. – Em 2000 foi uma experiência bárbara. Primeira Olimpíada, eu sonhava muito! O meu despertar para o futebol realmente foi assistindo à Seleção de 1996 nas Olimpíadas de Atlanta. Eu me lembro de treinar e o time se reunia para assistir as meninas. E quando eu fui para o Saad, a gente fazia amistosos contra elas. Às vezes cruzava no centro de treinamento. E eu era reserva em 1999, eu me tornei titular no Campeonato Mundial em 2000, foi minha primeira Olimpíada como titular e com aquelas meninas que eu sempre

⁷ José Duarte

⁸ Estádio Alfredo Schürig.

⁹ Maria Ivete Gallas

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

¹¹ Miraildes Maciel Mota

admirei e me espelhei. Eu até brincava com a Roseli¹² que em um desses amistosos, ainda antes de me tornar realmente profissional da bola, eu pedi um meião para a Roseli e tinha guardado até pouco tempo atrás. E foi uma experiência fantástica, jogar a Olimpíada é algo assim de outro mundo, vivenciar a Vila Olímpica, os jogos, foi uma experiência única... Queria ser como a Formiga de ter podido disputar muito mais Olimpíadas para vivenciar, porque a primeira a gente faz pouca coisa, a gente fica deslumbrada com tudo, mas a gente faz pouca coisa. É nova, é melhor andar bem nos trilhos; a segunda foi num contexto bem diferente que foi 2004, a gente realmente foi focada para a conquista da medalha com chances de disputar a medalha com um tratamento todo profissional. Então, assim, eu praticamente não aproveitei a Vila Olímpica.

S.G. – Ficou focada...

J.C. – Desfrutei de poucas coisas, como desfrutei pouco em 2000. Eu falava: “Gente, se eu fizer qualquer coisa vão achar que eu não estou focada, que eu não estou isso, que eu não estou aquilo, então...” Desfrutei pouco. E 2004 o René Simões¹³, como a gente normalmente não pode participar do desfile inicial, o René Simões obrigou todo mundo a ir ao desfile final. Ele dizia: “Como é que podia atleta olímpico não participar nem da abertura e nem da finalização?” E foi super legal.

S.G. – Deve ser uma emoção incrível participar de um desfile desses!

J.C. – É fantástico você ver aquele estádio lotado, aquela confraternização de pessoas de tudo que é canto, claro que a finalização é um pouco mais bagunçada, mas foi muito bacana.

S.G. – Já passou o estresse, vocês já estavam com a medalha no peito, quer dizer, foi uma conquista importantíssima....

J.C. – Muito importante!

¹² Roseli de Belo.

¹³ René Simões.

S.G. – Às vezes as pessoas consideram a medalha de prata como uma derrota mas não é. Dada todas as condições que a gente tem visto de apoio, de estrutura no futebol feminino, vocês foram muito vitoriosas. Aliás, eu acho que o futebol feminino é super vitorioso de conseguir o que já conquistou até agora.

J.C. – Sem dúvida! E assim, é claro que em 2004 nós ganhamos a medalha, muito importante. A primeira medalha do futebol feminino, mas 1996 com poucas condições, jogando pouco, elas ainda reivindicando muitas coisas, nós fomos quarto lugar. Quer dizer, nós ficamos entre as quatro melhores seleções do mundo num cenário que a gente tinha naquele ano. Em 2000 também foi assim e em 2004 como uma questão mais profissional... O René conseguiu colocar muitas coisas que a gente nunca teve. Por exemplo: eu dentro da Seleção, nunca tinha tido contato com uma ginecologista. Eu sempre paguei meu plano de saúde, sempre tive contato com fora, dentro da seleção nunca. Nós tínhamos jogadoras ali que nunca tiveram tido contato com uma ginecologista na vida. Então, quer dizer, e a gente teve todo um trabalho em relação à questão do ciclo menstrual que foi importantíssima. Ninguém na final da competição menstruou. E isso para a mulher é de uma significância gigantesca. A questão da parte fisiológica, da parte nutricional, da parte psicológica, tudo isso a gente conseguiu ter num tempo de trabalho muito maior, treinando muito mais tempo dentro da Granja Comary¹⁴. Não que a gente nunca tivesse se utilizado antes, mas as nossas convocações eram mais longas, a gente ficava cinco dias em casa e retornava e treinava naqueles seis meses. Muito mais jogos, amistosos, exigências do René que era para terem sido amistosos com as grandes potências, mas enfim, a CBF¹⁵ só cedeu um amistoso contra as americanas que valeu demais, mas o René, junto com aquela comissão técnica, resolveu fazer amistosos contra equipes masculinas. Toda essa parte estrutural que muitas vezes faltou, falhou em alguma coisa nas anteriores que com essa com mais condição e se prova isso nas Olimpíadas de 2004, quando se dá a condição, quando se tem um tratamento correto... E o mínimo, né? Porque o ideal era que a gente tivesse participado de torneios anteriores, tivesse feito mais amistosos, pelo menos vinte amistosos no ano para se chegar naquela Olimpíada... Talvez a gente pudesse ter jogado sessenta, quarenta, cem jogos amistosos, chutando muito alto. Mas a gente se preparou no ano das Olimpíadas

¹⁴ Centro de Treinamento da Confederação Brasileira de Futebol.

¹⁵ Confederação Brasileira de Futebol.

e o que a gente nota de grande diferença, é que as outras potências trabalham o ciclo e vários ciclos e que aí acaba tendo uma diferença muito grande.

S.G. – Ju, quando você parou de jogar?

J.C. – Parei em 2009.

S.G. – E se tu pudesses dar um recado para as novas gerações, para as meninas que estão aí e tem um sonho Olímpico, por exemplo, o que você diria para elas?

J.C. – Que a luta é grande, difícil, mas é prazerosa e vale muito a pena. Eu acho que o mais bacana de tudo é olhar para trás e ver que eu venci. Que eu conquistei meu sonho e às vezes eu lembro [choro] e até me emociono porque às vezes eu me vejo sentada na frente da televisão olhando aquelas meninas disputando uma Olimpíada e eu falando: “Puxa! Eu quero ser como elas! Eu quero fazer aquilo que elas estão fazendo.” Claro que a Olimpíada tem uma magia em volta muito grande, mas se eu não tivesse chegado em uma Olimpíada eu acho que eu sentiria a mesma coisa porque eu tive condições de fazer aquilo. O que eu espero é que elas possam conquistar o sonho delas sem tanta dificuldade, podendo ser quem elas querem ser a qualquer momento, sem ter que lutar tanto, sem ter que ser tão sofrido, sem ter que comprar tantas batalhas, sem isso. E que elas possam ser mais ativas, que elas possam ser atletas mais atuantes enquanto elas estão vivenciando aquilo. Todas juntas para que a gente possa ter cada vez mais um cenário diferente.

S.G. – Acho que isso é super importante porque você se tornou essa voz. Você sai dos campos e conquista esse espaço de protagonismo e acho que o futebol feminino só vai andar se as atletas também assumirem esse seu local como um local de fala, de briga, de busca de melhores condições.

J.C. – Sem dúvida!

S.G. - Então sair dos campos não significa que saiu do futebol. Muito pelo contrário, está no futebol com outra possibilidade e eu acho que no fim é super legal isso, essa necessidade. Eu sei que tu estás apressada....

J.C. – Não! Imagina! De jeito nenhum. Pode continuar!

S.G. – Tu já estás no teu tempo, a gente pode conversar outras vezes...

J.C. – Não tem problema nenhum!

S.G. – Mas assim: tem alguma coisa que tu querias falar, um momento que tu achas que além das Olimpíadas que outros momentos do futebol tu acha que é importante na tua carreira.

J.C. – Tudo. Eu perdi minha mãe muito cedo.

S.G. – Com treze anos?

J.C. – Com treze anos para quatorze anos. Minha mãe faleceu de câncer e isso foi muito sofrido dentro da minha casa porque a gente vivenciou muitas coisas. E claro que, com treze anos você já tem uma boa base, eu já tinha tido um convívio muito grande com a minha mãe, mas eu ainda não havia menstruado. Eu menstruei sem ter um suporte pelo lado, eu nunca tinha ficado tanto tempo longe de casa. Então o esporte foi me dando valores que se agregaram ao que eu já tive no meu berço, que eu já tive na minha casa, mas o esporte me formou. O futebol feminino em si me ensinou muitas coisas. Eu costumo falar assim que, às vezes, a gente não dá valor porque a gente não sofre tanto para conquistar, quando a gente sofre a gente dá um valor diferente. O esporte me desenvolveu como atleta, mas me desenvolveu muito como pessoa e hoje eu vejo o quanto me fez falta buscar uma leitura, buscar uma informação do porquê aquilo acontece, do porquê eu estou fazendo isso, do porquê tem que ser assim, de ser uma atleta mais atuante ali vivenciando aquilo, que eu acho que isso faz muita diferença. E o que eu acho, claro que a minha infância no futebol eu tive um cara espetacular do lado que foi o Romeu Castro porque ele era um paizão das meninas, orientava, cuidava. Eu sinto falta disso hoje e por isso que eu falo que, às vezes as ex-jogadoras poderiam estar ingressadas neste processo.

S.G. – Perfeito!

J.C. – Cada uma em cada clube de futebol, cada uma em cada centro que se tenha o desenvolvimento do futebol feminino para que elas pudessem passar a experiência delas. Hoje a gente tem acesso a tudo. Hoje só não tem acesso a informação quem não quer. Hoje só não sai da mesmice quem não quer porque a gente tem tudo. A internet tem essa facilidade. Eu costumo falar muito em relação ao pai dos burros, em toda palestra que eu vou dar ou em todo bate papo que eu vou ter com a jogadora. Com meninas que querem ser jogadoras, eu gosto de citar alguns nomes de jogadoras que foram importantes no nosso futebol e para minha decepção ninguém conhece. E eu costumo falar: “Vão lá ao pai dos burros e coloquem o nome dessa jogadora que vocês vão ver”. Falo muito da Sissi¹⁶ e de tantas outras que tiveram.. Por exemplo, eu jamais vou me esquecer: em Indaiatuba a gente morava numa chácara e tinha uma varanda gigantesca e eu admirava muito a Russa¹⁷ que foi uma meio-campista. Naquela época eu ainda era meio-campo e fiz muita amizade com a Russa. Jamais vou esquecer, um dia, eu sentadinha em um banco com a Russa do meu lado e a ela contando da sua experiência e falando: “Bom, Ju, é assim. Você tem que persistir, você tem que acreditar em você.” Aquele bate-papo aos poucos foi me dando uma confiança e a gente jogava e após os jogos ela vinha e falava: “Ó Ju, gostei do que você fez. Isso que foi legal, isso não foi. Aquilo dali...” Quer dizer, a convivência de quem já foi.

S.G. – Dá um suporte afetivo, né?

J.C. – Sim e eu estou me espelhando nela. No futebol feminino a gente tem certa carência de poder estar perto de quem já foi, de poder se espelhar. Eu fui quatro anos reserva da Tânia Maranhão.¹⁸ Quer dizer, eu só não cresci no futebol se eu não quisesse porque eu fiquei quatro anos vendo essas meninas jogarem. Então pude crescer muito, o futebol foi a minha educação. A minha educação hoje como pessoa, como cidadã, em procurar fazer o bem, em procurar ser honesta em identificar o que é correto ou não, o que é legal ou não, o que eu tenho que seguir ou não. O seu Zé falava que a gente tem dois caminhos: o caminho do bem e o caminho do inferno. O caminho do bem de vez em quando abre algumas portas

¹⁶ Sisleide do Amor Lima

¹⁷ Márcia Maria Calaça.

¹⁸ Tânia Maria Pereira Ribeiro

que você também pode se desviar. E graças a Deus o futebol me levou para uma porta boa, saudável, bacana e eu procuro passar um pouco dessa experiência hoje. Eu gosto de falar, você já viu, né? [riso] Eu engato um assunto no outro e eu vou falando...

S.G. – Isto é muito legal porque tu és uma referência de outra geração que não é uma geração de Fanta¹⁹, de Russa, de Elane²⁰, mas de uma segunda geração do futebol... Juliana Cabral é Juliana Cabral. Quer dizer, traz uma referência importante para essa nova geração que hoje chega na Seleção. Essa, digamos assim segunda geração é referência. Você, Aline²¹, Rosana²², entre outras, são referências também fora dos gramados. Vocês fizeram e fazem a história do futebol nesse país, têm representatividade.

J.C. – Sim, mas assim tem algumas coisas também que me incomodam. Por exemplo, eu acho que a gente tem pós-atletas pouco atuantes. Talvez porque pararam de jogar e aquele ressentimento, aquele sentimento ruim ficou. E a gente não consegue eliminar aquilo. Tanto que eu percebo muito em mim e hoje eu fico pensando: “Gente, por que eu choro tanto quando eu falo desse futebol feminino?” Porque realmente foi sofrido, mas eu gostaria de ver muito mais vozes. Hoje para qualquer coisa que me chamam eu vou falar de futebol feminino. “Ah, eu vou fazer um trabalho de TCC²³, você fala?” Falo! Porque é uma oportunidade de falar e de alguma forma você está falando. Então eu acho que a gente precisa ter mais pós-atletas falando da década de 1980, da década de 1990, elas precisam falar. A gente precisa ser mais atuante agora nesse momento, ter esta nova geração também falando. Eu jamais vou me esquecer de um evento que eu participei aqui no Museu do Futebol²⁴ com a Julie Foudy²⁵, foi uma meio-campista da seleção americana, enfim, super conhecida e ela falava: “Ju, eu fico admirada porque a nossa luta é a mesma. Não pensa que o futebol americano nasceu assim, não. O futebol americano também teve uma dificuldade muito grande. A grande diferença que eu vejo é que as atletas eram atletas. As atletas lutavam pela causa delas. Não uma única atleta”.

¹⁹ Rosilane Camargo Motta

²⁰ Elane Rego dos Santos.

²¹ Aline Pellegrino

²² Rosana dos Santos Augusto

²³ Trabalho de Conclusão de Curso.

²⁴ Localizado no Estádio do Pacaembú, São Paulo.

S.G. – Você vê agora o que ta acontecendo lá nos Estados Unidos das jogadoras reivindicando melhores condições de salário.

J.C. – E é uma reprodução do que as outras gerações fizeram. É claro que elas são desenvolvidas completamente diferente. Elas têm categorias de base bem fortes, futebol na universidade. A maioria das atletas profissionais já vem da Universidade. Teoricamente elas estão terminando essa formação, talvez por isso atletas um pouco mais atuantes com essa consistência. Não sei se é isso, mas o que eu vejo nos Estados Unidos é isso. De geração para geração elas aprenderam que juntas, discutindo, conversando e todo mundo juntando problema do teu umbigo, problema do umbigo dela, mais o problema do umbigo dela, elas conseguiram aos poucos ir conquistando os direitos delas. Eu gostaria muito de ver mais pós-atletas falando, mais atletas da geração atual falando. Porque senão a gente patina, né? Patina, patina, patina... Porque às vezes a impressão que tem é que quem ficou para trás é rancorosa, só reclama, não tem nada de bom para falar e quem está dentro só tem algo de bom para falar porque tem medo de represália. Na minha visão hoje, antes de qualquer coisa a gente precisa mudar esse cenário rapidíssimo. Senão acho que as coisas vão sempre patinar. Por exemplo, a questão da Seleção Americana hoje. Para quem não acompanha foi uma grande surpresa. Para quem vinha acompanhando isso ia acontecer a qualquer momento. Porque isso veio do Mundial do Canadá²⁶ com a questão da grama sintética e elas brigaram e chamaram outras atletas. Depois da conquista do Mundial elas fizeram um tour pelos Estados Unidos e em uma dessas viagens, no Havaí, se teve um problema em relação à grama sintética e elas brigaram de novo. Tudo vendido, tudo pago elas: “Ok, nós não vamos entrar em campo!” E não entraram em campo! E elas sofreram algum tipo de represália? Elas não vão disputar as Olimpíadas? Pelo contrário!

S.G. – São empoderadas!

J.C. – Hoje lá nos Estados Unidos o debate é gigantesco. No mesmo dia que elas entraram com a ação o presidente da Confederação²⁷ já veio, já falou, já jogou a bomba para a

²⁵ Julie Maurine Foudy.

²⁶ Copa do Mundo de futebol Feminino, realizada no Canadá em 2015.

²⁷ US Soccer.

FIFA²⁸. O problema é da FIFA porque a FIFA paga a premiação de homem e de mulher diferente, então olha já o que elas levantaram! Porque agora a questão não é mais só dos Estados Unidos, a questão é da FIFA. Por que há a diferenciação? Qual a discriminação? Qual é o preconceito? Olha que loucura o que elas fizeram, entendeu? E essa é a luta delas que elas têm todo o direito. Elas são tricampeãs mundiais, em seis Olimpíadas elas ganharam quatro. O futebol feminino lá funciona muito bem, em escola, em universidade. Tem vários níveis de disputa. O nível profissional é muito bem equilibrado. Tiveram diversos problemas? Tiveram! Estão caminhando novamente? Estão! Estão procurando uma forma de fazer aquilo correto. E eu sinceramente espero que isso... Eu não vejo por esse lado do feminismo e do machismo. Eu não via essa ação delas de: “Eu quero ganhar como os homens!”. Não. Não interessa o que elas vão ganhar porque às vezes elas não tem que ganhar igual, às vezes elas tem que ganhar mais. Mas o que mais me chama a atenção é o poder da atitude. É o poder de quem é e não é só aquela, não só aquelas cinco jogadoras que estão reivindicando. É o grupo inteiro da Seleção. Se você perguntar para a uma jovem que tem dezessete para dezoito ela vai falar: “Eu estou com elas. É isso!”

S.G. – É um sentimento coletivo, não é de cada uma tentar garantir a seu espaço, sua vaga...

J.C. – Agora, ali você tem a Hope Solo²⁹ o que representa a Hope Solo no cenário mundial. Ela tinha que estar nisso. Tem a Carli Lloyd³⁰, a melhor jogadora do mundo, tem que estar ali. Tem a Alex Morgan³¹, e a garota vitrine como foi a Mia Hamm³² anos atrás. Hoje é a Morgan, a Megan Rapinoe³³, a Becky Sauerbrunn³⁴ que é hoje a capitã da Seleção Americana e que já veio de gerações para gerações e hoje é a capitã. É isso que eu espero ver, acho que o dia que a gente... A nossa luta hoje é essa. Se a gente conseguir ver isso a gente jamais vai brigar por equiparação com os homens porque a gente não está nesse nível. Porque a gente está *muito* atrás delas, *muito* atrás delas. A gente tem outras brigas.

²⁸ Federação Internacional de Futebol.

²⁹ Hope Amelia Solo.

³⁰ Carli Ann Lloyd.

³¹ Alexandra Patricia Morgan Carrasco.

³² Mariel Margaret Hamm.

³³ Megan Anna Rapinoe.

S.G. – Outras demandas. Outras brigas.

J.C. – Outras questões, mas que a gente precisa lutar por elas. E que agente precisa entender qual é o nosso direito para poder continuar na luta.

S.G. –Juliana, sei que teu tempo estourou. Quero te agradecer por esta entrevista e tenho certeza que a gente vai ter outras conversas. Obrigada.

J.C. – Também estou certa que teremos muitas outras conversas. Quero aproveitar para agradecer publicamente o que você, Sil, tem feito pelo futebol feminino. É uma grande alegria te ter junto nessa luta. Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³⁴ Rebecca Elizabeth Sauerbrunn.